

Ensino presencial, híbrido ou EAD: quais modalidades predominam em diversos países?

In-person, hybrid or distance education: which modalities prevail in different countries?

Frederico da Silva Cesário ¹

José Ricardo Martins Machado ²

Resumo

O estudo analisa a predominância, vantagens e desafios das modalidades de ensino presencial, híbrida e a distância no ensino superior, no contexto pós-pandemia, considerando diferentes realidades nacionais e internacionais. O objetivo central consistiu em compreender como essas modalidades se consolidaram, quais fatores impulsionam ou limitam sua adoção e de que forma influenciam as preferências estudantis e as estratégias institucionais. A pesquisa adotou abordagem qualitativa, de caráter descritivo, fundamentada em revisão bibliográfica e documental, abrangendo publicações entre 2020 e 2025 obtidas em bases científicas e relatórios institucionais. A análise foi estruturada em três eixos: panorama global da distribuição das modalidades, consolidação da educação híbrida como tendência e avaliação das preferências e desafios no ensino superior. Os resultados indicaram que, embora a modalidade presencial mantenha alta aceitação, sobretudo pela interação social e vínculo acadêmico, o ensino híbrido apresenta crescimento contínuo, favorecido pelo avanço tecnológico, pela flexibilidade e pela personalização do aprendizado. Identificou-se, entretanto, que a adoção efetiva do híbrido e do EaD depende de infraestrutura adequada, acesso a recursos digitais e formação docente. Constatou-se também que a convergência entre preferências dos estudantes e estratégias institucionais não é uniforme, sendo influenciada por aspectos pedagógicos, socioeconômicos e culturais. Conclui-se que a integração planejada das modalidades, apoiada por políticas públicas de equidade digital e investimentos em capacitação docente, potencializa a qualidade e a abrangência da educação, contribuindo para a democratização do acesso e para a adaptação às demandas contemporâneas do ensino superior.

Palavras-chave: Ensino híbrido. Educação a distância. Ensino presencial. Modalidades educacionais. Pós-pandemia.

1 INTRODUÇÃO

O cenário educacional mundial foi profundamente transformado pela pandemia de COVID-19, momento em que o ensino à distância deixou de ser uma alternativa de exceção para se tornar mecanismo central à continuidade das atividades acadêmicas. Em consequência, modalidades como EAD e híbrida ganharam força, emergindo como possibilidades estruturais e não meramente contingenciais. Esse movimento abrupto expôs desafios e revelou oportunidades associadas à adoção de ambientes digitais na educação, abrindo espaço para reflexão sobre qual foi o real impacto das mudanças e como as instituições vêm se reorganizando em resposta.

1 Doutorando do Centro Integrado de Pesquisa Integralize C.I.P.I. e-mail: fredericocesario@yahoo.com.br

2 Orientador do Doutorado do Centro Integrado de Pesquisa Integralize C.I.P.I. e-mail: prof.ricardo@hotmail.com

A problematização deste estudo gira em torno do papel que as modalidades presencial, híbrida e a distância desempenham no ensino superior atual, especialmente após o choque pandêmico. Questiona-se como as preferências dos estudantes, as estratégias institucionais e as condições estruturais convergem ou se chocam entre si, e se a coexistência dessas modalidades tem sido fruto de alinhamento ou de tensão entre diferentes atores e contextos educacionais. Essa investigação busca entender se tais configurações representam evolução significativa ou adaptação limitada ao novo paradigma tecnológico.

A relevância da pesquisa se sustenta em três frentes principais. Primeiro, no plano teórico, amplia a compreensão sobre a transição digital na educação, identificando os elementos que promovem ou impedem a integração efetiva entre presencial, híbrido e EAD. Segundo, no plano metodológico da prática docente e institucional, oferece subsídios para o desenho de políticas educacionais que considerem tanto as expectativas dos estudantes quanto as limitações estruturais. Por fim, no plano social, contribui para a democratização do acesso à educação de qualidade em termos equitativos e adaptáveis.

Os objetivos desta pesquisa se dividem em geral e específicos. O objetivo geral consiste em analisar a predominância, vantagens e desafios das modalidades de ensino presencial, híbrida e a distância em diferentes contextos nacionais e internacionais no pós-pandemia. Os objetivos específicos incluem: (a) mapear a distribuição dessas modalidades no ensino superior global; (b) verificar as percepções e preferências de estudantes e docentes em relação a cada formato; (c) identificar os desafios estruturais e pedagógicos relacionados à adoção de modelos híbridos ou remotos; (d) apresentar exemplos de práticas bem-sucedidas, como nos casos do Uruguai e da Estônia.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 PANORAMA GLOBAL: DISTRIBUIÇÃO DAS MODALIDADES DE ENSINO

O cenário educacional mundial vem passando por uma transição estrutural marcada pela convivência e pela reconfiguração das modalidades presencial, híbrida e a distância. A pandemia de COVID-19 acelerou esse processo ao obrigar instituições de ensino a migrarem rapidamente para o ambiente virtual, gerando uma experiência coletiva que reconfigurou expectativas e práticas. Levantamentos recentes apontam que, em 2020-2021, quase metade dos estudantes norte-americanos estava matriculada exclusivamente em cursos online, número que diminuiu nos anos seguintes, mas que ainda permanece significativamente superior aos patamares pré-pandemia, evidenciando que a modalidade não é mais um recurso de

contingência, mas um elemento consolidado no portfólio educacional de diversos países (INTEGRATED POSTSECONDARY EDUCATION DATA SYSTEM, 2025).

A expansão do e-learning no mundo reflete não apenas a adoção de plataformas digitais, mas também um movimento global de diversificação metodológica. Em 2023, cerca de 49% dos estudantes em diferentes países completaram ao menos um curso totalmente online, enquanto a maioria dos graduandos cursou alguma disciplina a distância, sinalizando que o ensino digital passou a integrar o percurso acadêmico de forma natural. Esse avanço é acompanhado pelo crescimento do mercado, que já supera 370 bilhões de dólares e segue em expansão, estimulado por fatores como flexibilidade, redução de custos e ampliação do alcance geográfico (APRIL ABA, 2024).

O ensino híbrido desponta como uma alternativa estratégica, combinando as vantagens do presencial com a flexibilidade e os recursos do digital. Relatório internacional aponta que 62% das organizações educacionais e corporativas adotam formatos blended, mesclando atividades síncronas e assíncronas, e que essa combinação é percebida por docentes e discentes como promotora de engajamento e melhores resultados acadêmicos. Entre os benefícios relatados, destacam-se a personalização da aprendizagem e a possibilidade de integrar metodologias ativas com recursos tecnológicos (SCHEER-IMC, 2024).

Pesquisas de meta-análise reforçam a percepção de que o ensino híbrido pode superar o desempenho do presencial tradicional. Revisões sistemáticas indicam que, quando planejado adequadamente, esse modelo apresenta ganhos significativos na retenção do conteúdo e na satisfação estudantil, sem perdas em relação à profundidade e qualidade do aprendizado. Tais evidências fortalecem a ideia de que a integração equilibrada de atividades presenciais e virtuais pode oferecer o “melhor dos dois mundos” para diferentes perfis de estudantes (SCHMID et al., 2023).

Apesar dos resultados positivos, a implementação bem-sucedida do ensino híbrido não é uniforme e depende de variáveis como infraestrutura, acesso a dispositivos, conectividade e formação docente. Em países que enfrentam desigualdades tecnológicas, a adoção da modalidade pode acentuar disparidades, beneficiando apenas grupos com melhores condições de acesso. Isso implica que políticas públicas voltadas à equidade digital são fundamentais para evitar que a inovação pedagógica se torne um fator de exclusão (CAO et al., 2023).

As transformações não se restringem ao campo acadêmico. No universo corporativo e na educação executiva, observa-se um movimento de revalorização dos encontros presenciais, que cresceram de 14% para 62% entre 2020 e 2024, especialmente em programas de curta duração voltados ao networking e à imersão prática. Ainda assim, os cursos híbridos mantêm

participação estável, evidenciando que empresas e profissionais optam por formatos diferentes conforme os objetivos e as demandas de cada projeto (FINANCIAL TIMES, 2025).

O futuro das modalidades educacionais também está relacionado à incorporação de microcredenciais e programas modulares, que permitem ao estudante construir trajetórias mais flexíveis e personalizadas. Esse movimento, fortalecido pelo uso de plataformas digitais, atende à crescente demanda por formações rápidas, aplicáveis e alinhadas às necessidades do mercado de trabalho, especialmente em áreas de inovação e tecnologia (CALMU, 2025).

O panorama global revela que países com políticas robustas de capacitação docente e investimentos consistentes em infraestrutura digital tendem a apresentar maior sucesso na consolidação do ensino híbrido e online. Experiências de nações como Estônia e Uruguai mostram que a articulação entre tecnologia, formação continuada e cultura pedagógica inclusiva é determinante para resultados sustentáveis, evitando que a inovação se limite a mudanças superficiais no formato das aulas (GCHUMANRIGHTS, 2025).

Ao mesmo tempo, estudos bibliométricos sobre o ensino híbrido indicam que a produção científica sobre o tema se intensificou nas últimas duas décadas, concentrando-se em países como Reino Unido, Estados Unidos e Austrália. Essa literatura vem contribuindo para a sistematização de conceitos, identificação de boas práticas e formulação de modelos replicáveis em diferentes contextos, fortalecendo o debate sobre as condições ideais para adoção das modalidades (EU-JER, 2023).

Com base nesse conjunto de evidências, a análise das modalidades predominantes em diversos países demonstra que a escolha entre presencial, híbrido ou EAD não é homogênea nem linear. Em vez de substituição pura e simples, o que se observa é uma adaptação das instituições a diferentes cenários, demandas e públicos, em um processo que combina tradição e inovação, com potencial para gerar impactos significativos na democratização do acesso e na qualidade da educação (YU, 2022).

2.2 EDUCAÇÃO HÍBRIDA COMO TENDÊNCIA PÓS-PANDEMIA

A adoção massiva do ensino remoto durante a pandemia de COVID-19 representou uma experiência inédita na história educacional recente, impulsionando um debate global sobre o papel da tecnologia na aprendizagem. Inicialmente, a transição abrupta revelou fragilidades estruturais, desde limitações de acesso até a falta de preparo pedagógico para uso das plataformas digitais. No entanto, à medida que instituições e docentes se adaptavam, emergiu um modelo que conciliava o contato presencial e os recursos virtuais, moldando o que hoje se

reconhece como ensino híbrido, ou blended learning, em diferentes países e contextos (SCHMID *et al.*, 2023).

O ensino híbrido pós-pandemia não se limita a uma solução temporária, mas se estabelece como estratégia de longo prazo capaz de integrar metodologias ativas, recursos interativos e flexibilidade de horários. Estudos internacionais indicam que, quando bem planejado, esse formato mantém ou melhora o desempenho acadêmico em relação ao ensino tradicional, com ganhos significativos na retenção e no engajamento dos estudantes. Essas evidências consolidam a percepção de que a alternância entre momentos online e presenciais pode atender a públicos diversos, adaptando-se a realidades institucionais variadas (YU, 2022).

Nações como Uruguai e Estônia são frequentemente citadas como referências nesse processo. No Uruguai, o programa Ceibal, iniciado antes da pandemia, já havia distribuído equipamentos e ampliado a conectividade, o que facilitou a migração para práticas híbridas e sustentou sua continuidade no período pós-pandemia. Na Estônia, investimentos em plataformas digitais integradas e na formação docente permitiram não apenas a manutenção das atividades, mas também a introdução de abordagens mais personalizadas, com uso de dados para monitorar e apoiar o aprendizado (GCHUMANRIGHTS, 2025).

Os benefícios do ensino híbrido também se manifestam na capacidade de promover experiências de aprendizagem mais dinâmicas, explorando desde a gamificação até a aprendizagem baseada em projetos. Relatórios recentes mostram que 62% das organizações educacionais e corporativas adotaram formatos blended em seus programas, e que 73% dos professores que utilizam esse modelo relatam maior engajamento dos alunos. Tais dados evidenciam uma tendência de consolidação, impulsionada pela percepção de que a tecnologia, quando usada de forma planejada, amplia as possibilidades pedagógicas (SCHEER-IMC, 2024).

Por outro lado, a consolidação do ensino híbrido não é homogênea e enfrenta obstáculos significativos. Em regiões com baixa infraestrutura tecnológica, a modalidade pode ampliar desigualdades, favorecendo apenas grupos com maior acesso a equipamentos e internet de qualidade. Pesquisas de meta-análise alertam para a necessidade de políticas públicas de equidade digital, que garantam a todos os estudantes condições adequadas de participação, sem que a modalidade se torne fator de exclusão (CAO *et al.*, 2023).

A experiência híbrida também impõe novas exigências ao trabalho docente. Mais do que dominar ferramentas digitais, o professor precisa desenvolver competências para planejar atividades que façam sentido tanto no ambiente presencial quanto no virtual, equilibrando o uso de recursos tecnológicos e o contato humano. Estudos indicam que formações continuadas

focadas em metodologias ativas e desenho instrucional aumentam a eficácia do modelo e reduzem a sobrecarga relatada por muitos profissionais (EU-JER, 2023).

O fortalecimento do ensino híbrido se conecta ainda à crescente demanda por cursos modulares e micro credenciais, que oferecem trajetórias flexíveis e adaptáveis às necessidades do estudante. Instituições de ensino superior, especialmente na Europa e na América do Norte, vêm incorporando essas ofertas como forma de ampliar o alcance e responder rapidamente às mudanças no mercado de trabalho, explorando o potencial do híbrido para ofertar conteúdos presenciais concentrados e atividades online distribuídas (CALMU, 2025).

A literatura acadêmica recente sobre o tema mostra que a pesquisa em ensino híbrido cresceu de forma exponencial nas últimas duas décadas, com destaque para produções de países líderes em inovação educacional. Essa base teórica contribui para a sistematização de boas práticas e para a construção de modelos replicáveis, que consideram tanto as condições técnicas quanto os aspectos culturais e pedagógicos envolvidos na transição para o híbrido (SCHMID *et al.*, 2023).

Experiências como as do Uruguai e da Estônia também evidenciam que a consolidação do modelo depende de uma visão sistêmica, capaz de articular tecnologia, políticas públicas, formação docente e gestão escolar. Não basta inserir ferramentas digitais; é preciso redefinir processos, avaliar continuamente os resultados e garantir que os estudantes participem ativamente de seu processo de aprendizagem. Sem essa integração, há risco de que o híbrido se limite a uma justaposição de modalidades, sem efetiva complementaridade (GCHUMANRIGHTS, 2025).

Assim, o ensino híbrido pós-pandemia configura-se como tendência irreversível em muitos sistemas educacionais, não apenas por sua capacidade de atender a diferentes perfis e contextos, mas também por oferecer caminhos para inovação pedagógica e ampliação do acesso. O desafio, contudo, reside em garantir que sua adoção seja acompanhada de estratégias que assegurem qualidade, equidade e sustentabilidade, permitindo que o modelo contribua efetivamente para a democratização da educação (YU, 2022).

2.3 PREFERÊNCIAS E DESAFIOS NO ENSINO SUPERIOR PRESENCIAL E REMOTO

As preferências dos estudantes universitários em relação às modalidades de ensino refletem mudanças profundas nas expectativas e nas condições de estudo no cenário pós-pandemia. Levantamento realizado em instituições brasileiras indica que 43% dos universitários manifestam preferência pelo ensino presencial, enquanto 31% optam pela modalidade a distância e 26% escolhem o formato híbrido. Esses números demonstram que,

apesar da ampliação da aceitação do EAD e do híbrido, o contato presencial ainda mantém um valor significativo, especialmente pela interação social e pelo vínculo com a comunidade acadêmica (AGÊNCIA DE NOTÍCIAS UNICEUB, 2024).

As razões para a manutenção dessa preferência pelo presencial vão além da mera tradição. Pesquisas apontam que muitos estudantes associam a modalidade presencial a maior sensação de pertencimento, maior apoio acadêmico e melhor acesso a recursos físicos, como bibliotecas e laboratórios. Esses fatores contribuem para uma experiência educacional percebida como mais completa e menos fragmentada, ainda que a flexibilidade do ensino remoto seja reconhecida como uma vantagem importante para quem precisa conciliar estudo e trabalho (YU, 2022).

No entanto, o avanço da educação a distância e híbrida é uma realidade incontornável. Estudos mostram que, no pós-pandemia, a adesão a formatos flexíveis aumentou de forma expressiva, impulsionada por melhorias nas plataformas de ensino, maior familiaridade dos docentes com recursos digitais e pela consolidação de práticas como videoaulas gravadas e fóruns interativos. Essa evolução tecnológica ampliou as possibilidades pedagógicas, permitindo maior personalização da aprendizagem (SCHMID *et al.*, 2023).

O contexto australiano ilustra de forma clara essa transição. Universidades do país têm registrado um esvaziamento gradual das salas de aula presenciais, à medida que mais estudantes optam por modalidades online ou híbridas. Essa mudança está associada à busca por flexibilidade e à redução de deslocamentos, mas levanta preocupações entre educadores sobre a perda de engajamento, a dificuldade de manter vínculos acadêmicos e a potencial diminuição da qualidade percebida no ensino (THE GUARDIAN, 2025).

Apesar de as modalidades online e híbrida ampliarem o acesso, a literatura aponta que elas exigem maior disciplina e autonomia por parte dos estudantes, além de estratégias pedagógicas mais estruturadas para garantir a participação ativa. Sem um desenho instrucional adequado, há risco de aumento da evasão e de queda na satisfação, especialmente entre alunos que não têm familiaridade com ambientes virtuais ou enfrentam barreiras tecnológicas (CAO *et al.*, 2023).

O sentimento de pertencimento, apontado como um dos elementos centrais da experiência universitária, tende a ser mais forte no ensino presencial. Pesquisas indicam que a convivência diária e as interações espontâneas em espaços acadêmicos contribuem para a construção de redes de apoio, fundamentais para a permanência e o sucesso acadêmico. Em contrapartida, modalidades remotas demandam intencionalidade na criação de espaços virtuais de socialização e interação (EU-JER, 2023).

No ensino híbrido, há potencial para equilibrar esses aspectos, mas seu sucesso depende de uma integração coerente entre os momentos online e presenciais. Modelos que apenas reproduzem conteúdos presenciais no formato virtual tendem a gerar frustração, enquanto aqueles que utilizam a tecnologia para ampliar e aprofundar o aprendizado apresentam melhores resultados em termos de engajamento e desempenho (SCHEER-IMC, 2024).

A percepção dos acadêmicos sobre as modalidades também varia conforme a área de conhecimento. Cursos com alta demanda por atividades práticas, como Engenharia e Ciências da Saúde, tendem a preservar maior carga presencial, enquanto áreas mais teóricas, como Ciências Sociais e Letras, demonstram maior abertura para experimentações híbridas ou totalmente remotas. Essa diferenciação sugere que a escolha da modalidade mais adequada não deve ser homogênea, mas sensível às especificidades de cada campo (SCHMID *et al.*, 2023).

No cenário internacional, observa-se que países que investem de forma equilibrada em infraestrutura digital e em espaços físicos de qualidade conseguem oferecer um leque mais diversificado de opções, permitindo que o estudante escolha o formato que melhor se adapta à sua realidade. Essa abordagem flexível é apontada como estratégica para aumentar a satisfação e reduzir a evasão, além de alinhar a educação superior às demandas contemporâneas de mobilidade e adaptabilidade (YU, 2022).

Portanto, as preferências e desafios no ensino superior não se limitam a uma disputa entre presencial, híbrido e EAD, mas refletem um ecossistema em transformação, no qual fatores como pertencimento, flexibilidade, qualidade e equidade se entrelaçam. O futuro parece apontar para modelos mais híbridos e adaptativos, capazes de responder tanto às demandas dos estudantes quanto às necessidades institucionais, desde que acompanhados por políticas e práticas pedagógicas que garantam a efetividade e a inclusão (CAO *et al.*, 2023).

3 METODOLOGIA

O presente estudo foi desenvolvido a partir de uma abordagem qualitativa de caráter descritivo, fundamentada em revisão bibliográfica e documental. A escolha desse método se justifica pela necessidade de compreender, por meio da análise de diferentes fontes acadêmicas e institucionais, as transformações e tendências das modalidades presencial, híbrida e a distância em diferentes contextos nacionais e internacionais, com ênfase no ensino superior. A investigação buscou identificar padrões, comparações e experiências bem-sucedidas, sem a intenção de realizar experimentação ou mensuração estatística direta.

O universo da pesquisa correspondeu à produção científica e técnica publicada entre os anos de 2020 e 2025, período que contempla tanto o cenário emergencial provocado pela

pandemia de COVID-19 quanto o período subsequente, caracterizado pela consolidação de práticas híbridas e pelo reposicionamento das modalidades educacionais. A amostra foi definida por meio de seleção criteriosa de artigos científicos indexados em bases reconhecidas, como SciELO e Google Scholar, além de relatórios institucionais e documentos de organismos internacionais que abordassem diretamente a temática estudada.

Os critérios de inclusão consideraram a relevância e atualidade das publicações, a pertinência ao tema central da pesquisa e a presença de dados ou análises comparativas entre as modalidades de ensino. Foram priorizados estudos que apresentassem recortes geográficos distintos, abrangendo experiências de países da América Latina, Europa, Oceania e América do Norte, a fim de ampliar a compreensão do panorama global. Publicações anteriores a 2020, sem ligação direta com o contexto pandêmico ou pós-pandêmico, foram excluídas para evitar desatualização dos dados e das interpretações.

A coleta de dados foi realizada por meio de busca sistematizada nas bases referidas, utilizando combinações de palavras-chave como “ensino híbrido”, “educação presencial”, “educação a distância”, “pandemia” e “tendências educacionais globais”. Foram adotados operadores booleanos e filtros de data para assegurar que os resultados estivessem alinhados ao recorte temporal e temático do estudo.

Após a seleção, os materiais foram organizados e categorizados em três eixos principais, correspondentes aos subcapítulos apresentados na fundamentação teórica: panorama global da distribuição das modalidades de ensino; educação híbrida como tendência pós-pandemia; e preferências e desafios no ensino superior presencial e remoto. Essa categorização permitiu estabelecer uma sequência lógica na apresentação dos resultados e na construção da argumentação.

A análise dos dados seguiu o método de análise de conteúdo, buscando identificar convergências e divergências entre as diferentes fontes, além de extrair elementos que pudessem explicar as razões das preferências e desafios apontados, bem como as condições necessárias para a adoção eficaz de cada modalidade. Os resultados obtidos foram discutidos à luz do referencial teórico, buscando dialogar com as evidências já consolidadas e com estudos recentes.

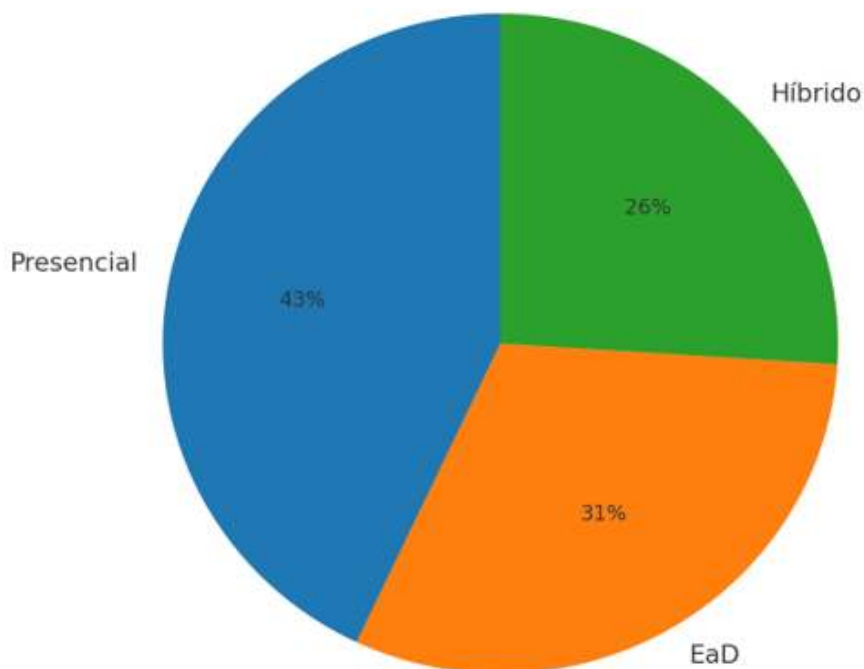
Por se tratar de pesquisa bibliográfica, não houve coleta de dados primários com participantes humanos, o que dispensou a submissão do trabalho a comitês de ética. No entanto, todas as fontes utilizadas foram devidamente citadas e referenciadas conforme as normas da ABNT NBR 6023:2018, garantindo o rigor acadêmico e a integridade da produção científica.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise das informações obtidas a partir das fontes bibliográficas e dos dados citados na fundamentação teórica permite compreender, de forma comparativa, como diferentes modalidades de ensino se posicionam no cenário atual e quais fatores influenciam suas taxas de adoção e preferência. A avaliação foi estruturada a partir de dois eixos centrais: a percepção e escolha dos estudantes universitários e a incorporação do ensino híbrido por instituições educacionais e corporativas.

O primeiro eixo examina as preferências declaradas por estudantes universitários brasileiros em relação às modalidades de ensino. Conforme levantamento divulgado pela Agência de Notícias UniCEUB (2024), 43% dos respondentes afirmaram preferir o ensino presencial, 31% optaram pela educação a distância (EAD) e 26% escolheram o modelo híbrido. Esses dados indicam que, embora as modalidades virtuais tenham conquistado espaço, o presencial mantém forte apelo, especialmente por seu potencial de promover interação social, proximidade com o corpo docente e acesso a recursos físicos, como bibliotecas e laboratórios. A Figura 1 ilustra graficamente essa distribuição.

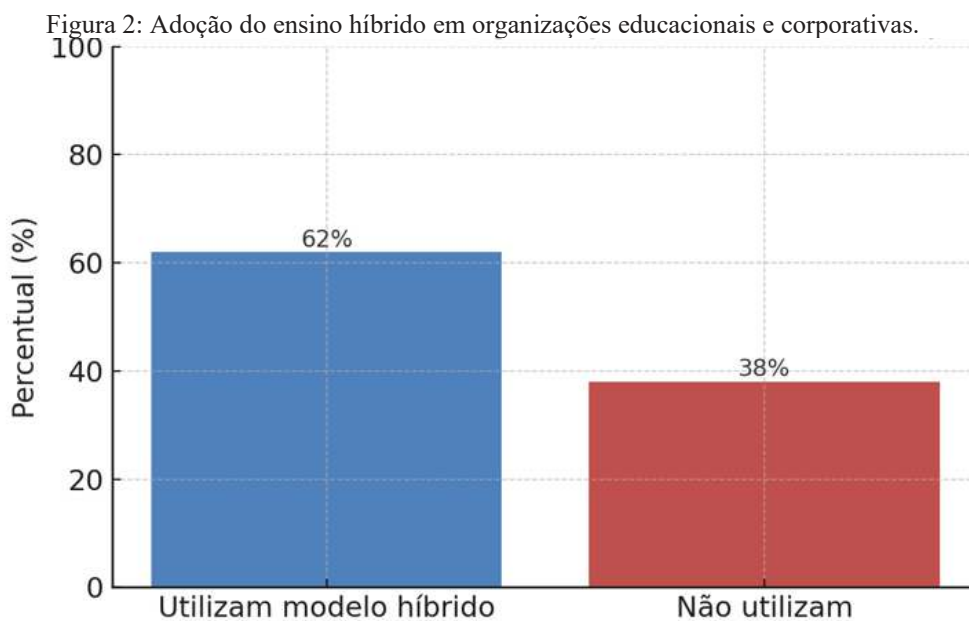
Figura 1: Preferência dos estudantes universitários



Fonte: próprio autor.

O predomínio da modalidade presencial não significa rejeição ao digital, mas sugere que a escolha dos estudantes envolve múltiplos critérios, como o perfil do curso, a infraestrutura disponível e as próprias condições pessoais de estudo. Modalidades online e híbridas oferecem flexibilidade e adaptabilidade, mas também exigem maior autonomia e disciplina, o que pode representar um desafio para alguns perfis de alunos. Estudos como os de Yu (2022) reforçam que a experiência de pertencimento à comunidade acadêmica e a interação direta com colegas e professores ainda são elementos centrais para a satisfação estudantil.

O segundo eixo de análise aborda a adoção do ensino híbrido no ambiente institucional. Relatório publicado pela Scheer-IMC (2024) aponta que 62% das organizações educacionais e corporativas já incorporaram o formato blended em suas práticas. A expansão desse modelo reflete não apenas um interesse em modernizar a entrega do conteúdo, mas também uma estratégia para responder a demandas contemporâneas de flexibilidade e personalização. A Figura 2 apresenta os percentuais de instituições que utilizam ou não a modalidade híbrida.



Fonte: próprio autor.

O crescimento da adoção do ensino híbrido está diretamente ligado ao avanço tecnológico, à formação docente voltada para o uso de metodologias ativas e à percepção de que a combinação equilibrada entre o presencial e o virtual pode gerar melhores resultados acadêmicos e operacionais. No entanto, a consolidação dessa modalidade ainda enfrenta barreiras, principalmente em regiões com limitações de infraestrutura e desigualdade no acesso à internet e dispositivos, o que pode restringir o alcance da inovação pedagógica.

Ao comparar os dois eixos, percebe-se que existe uma distância entre as preferências individuais e as estratégias institucionais, enquanto uma parcela significativa dos estudantes mantém preferência pelo presencial, as instituições tendem a expandir o ensino híbrido, motivadas por ganhos de escala, redução de custos e adaptação às novas demandas do mercado de trabalho. Essa discrepância sugere que a eficácia da implementação do modelo híbrido depende não apenas da oferta, mas também da sua aceitação e apropriação pelos alunos.

Observou-se migração expressiva para formatos online e híbridos, com salas de aula físicas cada vez mais vazias. Essa tendência reforça a necessidade de estratégias que mantenham o engajamento e a sensação de pertencimento no ambiente digital, evitando que a flexibilidade se converta em isolamento acadêmico (THE GUARDIAN, 2025).

No conjunto, os resultados discutidos evidenciam que a definição da modalidade predominante não é homogênea entre países e instituições, ela é moldada por fatores como políticas públicas, investimento em infraestrutura, formação docente, cultura acadêmica e perfil socioeconômico dos estudantes. Mais do que buscar um modelo único, o desafio está em

integrar presencial, híbrido e EaD de forma estratégica, garantindo qualidade, equidade e relevância pedagógica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa confirma que o objetivo geral de analisar a predominância, vantagens e desafios das modalidades presencial, híbrida e a distância no ensino superior no contexto pós-pandemia é atingido. Verifica-se que as modalidades coexistem de forma não homogênea, com a presença consolidada do ensino híbrido como tendência e a manutenção do valor atribuído ao presencial, sobretudo pela interação social e pelo vínculo acadêmico. Constata-se que a preferência estudantil e a estratégia institucional nem sempre convergem, mas que a integração planejada entre formatos potencializa a qualidade e a abrangência da educação. As hipóteses de que fatores estruturais, tecnológicos e pedagógicos influenciam diretamente a adoção e a efetividade das modalidades são confirmadas, evidenciando que políticas públicas de equidade digital e formação docente são determinantes para resultados sustentáveis. Como contribuição prática, o estudo oferece subsídios para o desenho de políticas institucionais mais alinhadas às demandas e perfis dos estudantes, e, no campo teórico, reforça a compreensão das dinâmicas de transição educacional no pós-pandemia. Reconhece-se como limitação a ausência de dados primários que aprofundem a percepção individual dos estudantes, sendo recomendada para pesquisas futuras a realização de levantamentos empíricos e análises comparativas entre diferentes áreas do conhecimento.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS UNICEUB. **Estudo mostra que 43% dos universitários preferem ensino presencial, 31% EaD e 26% híbrido.** Brasília, 2024. Disponível em: <https://www.uniceub.br/noticias/estudo-preferencias-modalidades>. Acesso em: 5 ago. 2025.

APRIL ABA. **E-Learning e online learning statistics: expansão de 900% desde 2000 e previsão de mercado superior a 370 bilhões de dólares até 2026.** 2024. Disponível em: <https://www.aprilaba.com/resources/e-learning-online-learning-statistics>. Acesso em: 6 ago. 2025.

CALMU. **Is online learning here to stay?** Trends & insights for 2025. 2025. Disponível em: <https://www.calmu.edu/is-online-learning-here-to-stay-trends-insights-for-2025>. Acesso em: 4 ago. 2025.

CAO, W. et al. **Effects of blended learning on student performance, attitude, and achievement: a meta-analysis.** 2023. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC10369798/>. Acesso em: 5 ago. 2025.

EU-JER. Blended learning in higher education: bibliometric analysis and trends. **European Journal of Educational Research**, 2023. Disponível em: <https://www.eu-jer.com/>. Acesso em: 5 ago. 2025.

FINANCIAL TIMES. **Business leaders return to face-to-face learning**. Londres, 2025. Disponível em: <https://www.ft.com/content/2b5d8f27-3982-41e2-8caa-9be04e0224ef>. Acesso em: 4 ago. 2025.

GCHUMANRIGHTS. **The future of hybrid learning**: insights from Uruguay and Estonia. 2025. Disponível em: <https://www.gchumanrights.org/preparedness/the-future-of-hybrid-learning-insights-from-uruguay-and-estonia/>. Acesso em: 5 ago. 2025.

INTEGRATED POSTSECONDARY EDUCATION DATA SYSTEM. **Fall 2020**: profile of U.S. higher education online education. Washington, DC: National Center for Education Statistics, 2025. Disponível em: <https://onedtech.philhillaa.com/p/fall-2020-ipeds-data-mid-pandemic-profile-of-us-higher-ed-online-education>. Acesso em: 6 ago. 2025.

SCHEER-IMC. **State of learning technologies 2024 report**. 2024. Disponível em: <https://www.scheer-imc.com/newsroom/news/key-insights-from-the-state-of-learning-technologies-2024-report/>. Acesso em: 6 ago. 2025.

SCHMID, R. F. et al. **A meta-analysis of online learning, blended learning, and the flipped classroom**. 2023.

THE GUARDIAN. **Teaching to an empty hall**: the changing face of universities. Londres, 2025. Disponível em: <https://www.theguardian.com/australia-news/2025/feb/19/teaching-to-an-empty-hall-is-the-changing-face-of-universities-eroding-standards-of-learning>. Acesso em: 9 ago. 2025.

YU, Z. **Student satisfaction, performance, and engagement in online learning during COVID-19**: a meta-analysis. 2022.